

**LEITURAS SOBRE O FENÔMENO *BULLYING* NAS ESCOLAS:
DESAFIOS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA**

**READINGS ABOUT THE BULLYING PHENOMENON IN SCHOOLS:
CHALLENGES FOR A CRITICAL ANALYSIS**

**LECTURAS SOBRE EL FENÓMENO DEL *BULLYING* EN LAS ESCUELAS:
DESAFÍOS PARA UN ANÁLISIS CRÍTICO**

Sheila Daniela Medeiros dos Santos¹

Resumo: Este artigo objetiva analisar a significação do termo *bullying* presente nos discursos de jornais digitais de grande impacto no Brasil sobre um fato que ocorreu, em 2017, em uma escola da rede privada localizada em Goiânia, Goiás. Para concretizar este trabalho realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural, cuja base epistemológica é o materialismo histórico e dialético. Os resultados da pesquisa mostram que o termo *bullying*, ao ser forjado na esteira da agenda neoliberal, oculta tensões e contradições que estão na base do fenômeno da violência, contribuindo para a consolidação de posturas dogmáticas e conformistas e para a aceitação de conhecimentos pseudocientíficos, os quais entravam os processos de emancipação e de busca de propostas efetivas para combater o fenômeno da violência.

Palavras-chave: *Bullying*; escola; jornais digitais.

Abstract: This paper aims to analyze the meaning of the word *bullying* in the discourses of digital newspapers of great impact in Brazil about a fact that occurred in a private school located in Goiânia, Goiás, in 2017. This work carried out a bibliographical and documental research based on Historical-Cultural Psychology. This theoretical approach has as epistemological reference the dialectical historical materialism. The results of the research show that the word *bullying*, created in the center of the neoliberal agenda, hides tensions and contradictions which are in the basis of the phenomenon of violence, contributing to the consolidation of dogmatic and conformist postures and for acceptance of pseudoscientific knowledge, which hinds the processes of emancipation and search of effective proposals to combat the violence.

Keywords: *Bullying*; schools; digital newspapers.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar el significado de la palabra *bullying* en los discursos de periódicos digitales de gran impacto en Brasil, sobre un hecho ocurrido en 2017 en una escuela privada ubicada en Goiânia, Goiás. Este trabajo realizó una investigación bibliográfica y documental basada en la Psicología Histórico-Cultural. Este enfoque teórico tiene como referencia epistemológica el materialismo histórico y dialéctico. Los resultados de la investigación muestran que la palabra *bullying*, creada en el centro de la agenda neoliberal, esconde tensiones y contradicciones que están en la base del fenómeno de la violencia, contribuyendo a la consolidación de posturas dogmáticas y conformistas y a la aceptación del conocimiento pseudocientífico, que obstaculizan los procesos de emancipación y la búsqueda de propuestas efectivas para combatir la violencia.

Palabras clave: *Bullying*; escuela; periódicos digitales.

¹ Universidade Federal de Goiás.

Introdução

Nas últimas décadas, o fenômeno denominado *bullying* tem sido demasiadamente discutido no ambiente escolar – embora esta discussão não esteja restrita aos muros da escola pelo fato de vincular-se ao contexto social, relacional e familiar, no qual as crianças e adolescentes estão inseridos.

De acordo com Fante (2005), o termo *bullying* não possui tradução exata na língua portuguesa. Por esta razão, o significado mais próximo está correlacionado a palavras como “intimidação” e “provocação”. Entretanto, como o termo tem sido propalado na sociedade atual, optou-se neste trabalho por manter o uso do próprio vocábulo.

Nesta direção, a preocupação com a intensa manifestação do *bullying* nas escolas fez com que o termo fosse inserido, em 2015, na *Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar* (PeNSE) – realizada a partir de um convênio celebrado entre o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Saúde, com o apoio do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 2016b) – e no *Diagnóstico Participativo da Violência nas Escolas* – viabilizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) (MEC, 2018).

Ademais, em 2016, instituiu-se o dia 07 de abril, por meio da Lei nº 13.277, como o *Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência nas Escolas* (BRASIL, 2016), em referência à tragédia ocorrida em 2011, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso de Oliveira – no bairro de Realengo, Rio de Janeiro –, e tirou a vida de 11 crianças.

Nesta época, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Ministério da Justiça e Cidadania (MJC) manifestaram apoio a iniciativas que visavam conter o *bullying* nas escolas, no intuito de combaterem a proliferação deste fenômeno e promoverem a educação em direitos humanos.

Neste contexto, ao considerar que o *bullying* está associado a fatores políticos, econômicos e culturais, os quais fazem parte da dinâmica da sociedade (CUNHA; WEBER, 2010), a mídia passou a divulgar amplamente o termo, tornando-o objeto de problematização em diversas esferas sociais.

Em 2017, um fato ocorrido em uma escola da rede privada da cidade de Goiânia, Goiás – em que um garoto de 14 anos atirou, com uma arma de fogo, em seus colegas de classe, ocasionando a morte de dois deles e deixando quatro gravemente feridos –, propagou-se celeremente nas mídias digitais poucas horas após o incidente, intensificando o clima de medo e apreensão nas escolas do país.

Como a hipótese prevalecente apontada para a razão que motivara o garoto à consumação do referido ato apontava para o *bullying* que ele sofrera no ambiente escolar, presenciou-se, assim como em relação ao incidente ocorrido em 2011, na escola de Realengo, no Rio de Janeiro, o demasiado alastramento do termo *bullying*, de forma a fragmentar as dissímeis posições em contextos acadêmicos, instâncias jurídicas e cenários de opinião pública.

No campo dos estudos sobre o *bullying*, autores como: Fante (2005), Olweus (1993, 2013), Toro, Neves e Rezende (2010) e Salmivalli e Voeten (2004), tipificam os comportamentos próprios do *bullying*, descrevem fatores determinantes e sentenciam o enfrentamento deste fenômeno via imperativos morais.

Nesta ambiência, o ponto crucial instituído refere-se ao fato de que o termo *bullying*, forjado no âmbito de uma caracterização estereotipada de violência, está sendo apropriado pela sociedade levemente e desprovido de um viés crítico.

Com base nestas considerações, o presente trabalho se propôs a analisar a significação do termo *bullying* presente nos discursos disseminados em jornais digitais de grande impacto no Brasil, sobre um fato ocorrido, em 2017, em uma escola da rede privada localizada em Goiânia, Goiás.

Para concretizar este estudo, primeiramente procurou-se compreender a significação do termo *bullying* mencionado na legislação brasileira e na literatura especializada no assunto.

Na sequência, buscou-se discorrer sobre a pesquisa realizada, bibliográfica e documental, fundamentada nos referenciais teórico-metodológicos de: Vygotsky (1993), acerca da natureza essencialmente semiótica da consciência humana; e Bakhtin (2014), sobre a noção de dialogismo como princípio intrínseco à linguagem.

Neste momento, elegeu-se como material de análise as notícias de quatro jornais digitais, de grande impacto em nosso país, que faziam menção ao termo *bullying* no título ou no corpo do texto da reportagem/matéria jornalística.

E, por último, sistematizou-se as considerações finais sublinhando o papel do *outro* nos processos de significação e enfatizando o universo da palavra como signo real e tangível – ponto de intersecção de perspectivas distintas e leituras de mundo enquanto arena ideológica de lutas simbólicas.

A concepção de *bullying*: algumas controvérsias

Nos preceitos da lei nº 13.185/15, a qual institui o *Programa de Combate à Intimidação Sistemática*, configura-se como *bullying*,

[...] todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

Sendo assim, o artigo 5º da referida lei é explícito ao afirmar que a implementação do *Programa para Prevenir e Combater o Bullying* não constitui uma opção, mas trata de uma exigência imperativa-normativa às instituições vinculadas aos estados e municípios: “É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*)” (BRASIL, 2015).

Por outro lado, ao afastar-se do âmbito da lei e evocar as origens da palavra *bullying*, no intuito de compreendê-la, constata-se que o termo não é novo, uma vez que foi forjado na década de 1970 com base nos estudos desenvolvidos pelo professor e pesquisador Dan Olweus (1993), na Noruega.

De acordo com Olweus (2013), o *bullying* é um fenômeno que denota comportamentos agressivos (físicos, verbais ou relacionais) de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, de forma recorrente e intencional, direta ou indiretamente, sem motivo explícito e que geram angústia e sofrimento à(s) vítima(s).

Há, ainda, estudos diversos que caracterizam o *bullying* com base: em dados estatísticos oriundos de sua ocorrência (MALTA *et al.*, 2010); na aplicabilidade de questionários para detectar a incidência com que o fenômeno ocorre (MOURA *et al.*, 2011; ZOEGA; ROSIM, 2009); e, em amostras para identificar não apenas os elementos de risco no contexto escolar, mas também a intimidação recorrente e a caracterização dos protagonistas e das vítimas (TOGNETTA; VINHA, 2010).

Outrossim, de acordo com Craig *et al.* (2009), há nesta relação: os indivíduos que não são participantes diretos das atitudes de intimidação, pois se colocam como observadores silenciosos diante das ações praticadas pelos agressores; e os indivíduos que não compactuam com a situação e procuram auxílio e proteção aos colegas que estão na posição de vítimas.

Autores como Lisboa, Braga e Ebert (2009), por sua vez, asseveram que o *bullying*, ao sugerir as atitudes, os comportamentos e as imagens que os indivíduos têm dos outros, do

mundo ou de si próprios, pode ocasionar consequências preocupantes a longo prazo, levando até mesmo a casos extremos em que as vítimas cometem suicídio.

Embora estas pesquisas contribuam para a compreensão da concepção de *bullying*, observa-se que as classificações e tipologias existentes, ao discorrerem sobre as presumíveis causas do fenômeno, as naturaliza, deixando de ir à raiz de sua existência.

Nesta vertente, oculta-se os processos sociais, econômicos e culturais da questão, de forma a tornar a definição do termo *bullying* incipiente e inapta a superar as particularidades dos indivíduos inevitavelmente relacionadas à sociedade capitalista.

O paradoxo (ex)implícito nestes estudos encontra-se fundamentalmente em um aspecto fulcral: o *bullying*, ao ser considerado (equivocadamente) como um fenômeno natural, exerce seu poder sobre os indivíduos como se fosse algo incontrollável. Esta assertiva desemboca na propagação de uma expressão adotada por Fante (2005), passível de problematização, que se refere à “educação para a paz”.

Deste modo, as relações de desigualdade e poder que se estabelecem no contexto familiar/escolar são naturalizadas e apartadas das contradições sociais que as produzem. Por conseguinte, o que impera são os ditames hegemônicos pautados na disciplina e na boa conduta moral, sob o rótulo de pseudociências que compactuam com os mecanismos de alienação.

Com efeito, aceitar sem questionamentos definições, classificações e tipologias acerca do fenômeno *bullying*, com base em indicadores pautados exclusivamente em dados qualitativos, questionários e amostras, deixam lacunas que contribuem para que o conceito tenha como foco a adaptação dos indivíduos e a legitimação de uma ordem social injusta e desigual.

Nesta direção, observa-se a pertinência de incluir o termo *bullying* na pauta das discussões, à luz das mediações sociais que as determinam, uma vez que, segundo Vygotsky (1993) e Bakhtin (2014), as idiosincrasias do contexto histórico e cultural circunscrevem as formas ideológicas imbricadas nas relações sociais.

Sob este prisma, Bakhtin (2014) confere um papel relevante à função da palavra na configuração da realidade social, inscrita em um território semiótico qualitativo. Isso porque, a palavra detém o domínio para materializar as relações que se instauram nas mais distintas esferas da atividade humana, tornando-se um signo ideológico.

Apesar de o significado de uma palavra constituir um ato de generalização, é fundamental considerar que este significado pode se transformar à medida que o indivíduo se encontra diante de situações diversas que caracterizam o uso de uma mesma palavra. Deste modo, outros processos intelectuais de abstração e generalização são passíveis de se desenvolverem no indivíduo.

De acordo com Vigotski (2009), a generalização é a função essencial da linguagem, pois sem a sua existência seria impraticável a apropriação das experiências anteriores, uma vez que a linguagem não implica apenas um modo de generalização, mas constitui a base do funcionamento do pensamento.

Deste modo, a linguagem adquire estatuto essencial na formação de conceitos. Os conceitos, por sua vez, não podem ser considerados estáticos, nem tampouco constitutivos de um processo natural, já que são significativamente ocasionados por determinantes sociais.

Os estudos de Vygotsky (1993) sobre estes aspectos apontam para a relevância em investigar o poder das palavras na trama das relações sociais, assim como as peculiaridades de seu uso funcional no processo de formação dos conceitos. Neste sentido, é imprescindível considerar o modo como o indivíduo faz uso dos signos como meio para conduzir e orientar o desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores.

Com efeito, para Vigotski (2009, p. 496), a palavra constitui um “microcosmo da consciência humana” e é uma ferramenta imprescindível de análise, visto que percorre uma trajetória até ser internalizada via processos de conversão, a fim de obter a função de

generalização e abstração. Portanto, os conceitos representam os mediadores que possibilitam a apropriação dos significados de uma palavra.

De acordo com Vygotsky (1993), o desenvolvimento do significado da palavra consubstanciado no sentido, e proveniente de determinado contexto, representa um princípio fundamental na estruturação das relações sociais. Isso porque a palavra, inserida em um determinado contexto histórico e social, do qual captura seu conteúdo intelectual, afetivo e ideológico, impregna-se desse conteúdo de tal forma que, se por um lado, expande o seu repertório de significados, obtendo esferas inéditas de conteúdo, por outro, limita-se em razão das próprias contenções impostas pelo contexto em questão. Neste movimento dinâmico, significados novos e abstratos se concretizam.

A partir destas considerações, depreende-se que o termo *bullying* refere-se a um fenômeno que faz parte da história e da cultura humana, a violência. Ocorre que o referido termo tem sido mascarado através de pseudoconhecimentos consubstanciados nos marcos do ideário neoliberal que criam concepções tênues, genéricas e obtusas como a que conclama uma “educação para a paz”.

A apropriação das objetivações culturais no enfrentamento ao *bullying*

No intuito de concretizar o processo investigativo deste trabalho, elegeu-se como material de análise as notícias de jornais digitais de grande impacto em nosso país que faziam menção ao termo *bullying*, no título ou no corpo do texto da reportagem/matéria jornalística. Posteriormente à compilação de notícias condizentes a este critério, realizou-se a leitura e a análise do conteúdo existente, a fim de obter a compreensão crítica de suas significações.

Ao considerar os limites de extensão desta produção teórica, procedeu-se as análises das reportagens de quatro jornais digitais: Folha de São Paulo, *É hora de entender que o bullying está levando ao óbito, diz psicólogo* (SALDAÑA, 2017); Estadão, *Bullying e contaminação do ambiente escolar pela violência* (MESQUITA, 2017); O Globo, *Bullying teria sido a motivação de ataque em escola de Goiânia* (COPLE; QUEIROGA; VIANA, 2017) e El País, *Estudante mata dois colegas a tiros e fere quatro em escola particular de Goiânia* (SALES, 2017).

A reportagem intitulada *É hora de entender que o bullying está levando ao óbito, diz psicólogo*, publicada no jornal *Folha de São Paulo*, apesar de conter elementos extremamente interessantes para problematizar o *bullying* nas escolas, uma vez que traz a entrevista com o psicólogo Sergio Kodato, coordenador do *Observatório de Violência e Práticas Exemplares* da Universidade de São Paulo (USP), conduz à uma análise rúptil do fenômeno, dado que vitimiza o indivíduo responsável pela ação praticada:

Por trás do ato do estudante de 14 anos que, *vítima de bullying*, foi à escola e abriu fogo contra colegas em Goiânia, há uma teia de problemas que, com a escola no centro, envolve famílias, as instituições, a espetacularização da violência e também a recorrência de visões radicais da sociedade (SALDAÑA, 2017, [n. p.]).

Nota-se que a tendência em vitimizar um indivíduo e culpabilizar os outros, em nível individual ou coletivo, não contribui para avançar os debates em torno da questão, visto que as raízes da violência, e não simplesmente do *bullying*, são profundas e incidem na história e na cultura de uma sociedade.

Do mesmo modo, a reportagem: *Bullying e contaminação do ambiente escolar pela violência*, publicada no jornal *Estadão*, assevera que “o atirador não suportou as ofensas dos demais alunos e, utilizando-se da arma dos pais, disparou tiros de forma indiscriminada” (MESQUITA, 2017, [n. p.]).

Esta reportagem se restringe a culpabilizar os envolvidos no problema: pais, alunos e educadores – como se estes fossem realmente os únicos envolvidos –, pelo fato de não buscarem instrução jurídica para conhecerem as responsabilidades que lhe são atribuídas por lei. Segundo a reportagem, em razão deste desconhecimento, os envolvidos na situação, ao tentarem remediar os conflitos sem uma assistência profissional específica, acabam atuando “de forma displicente e inepta frente ao conflito” (MESQUITA, 2017, [n. p.]).

Já a reportagem denominada: *Bullying teria sido a motivação de ataque em escola de Goiânia* (COPLE; QUEIROGA; VIANA, 2017), publicada pelo jornal *O Globo*, traz alguns depoimentos de alunos da escola para legitimar a hipótese de que o menino, autor do ato de violência, foi na realidade uma vítima de *bullying*.

Em um dos depoimentos, uma aluna da mesma turma do garoto que cometeu o ato infracional afirmou que um colega havia levado desodorante para a escola e borrifado o líquido no referido estudante, após acusá-lo de ter mau cheiro. Em relação a este aspecto, a reportagem conclui: “os sentimentos provocados pelas piadas de colegas podem ter sido a motivação do estudante” (COPLE; QUEIROGA; VIANA, 2017, [n. p.]).

A outra reportagem, publicada pelo jornal *El País* e intitulada: *Estudante mata dois colegas a tiros e fere quatro em escola particular de Goiânia* (SALES, 2017), inclui alguns detalhes do fato ocorrido ao relatar que o estudante, portando uma arma de propriedade do pai, um policial militar, havia esvaziado um cartucho de munição e estava preparado para fazer uso de um novo conjunto de balas, quando foi persuadido pela coordenadora do colégio a não atirar novamente.

Este texto jornalístico também menciona que, de acordo com os depoimentos de colegas e professores, o menino sofria *bullying* constantemente e tinha poucos amigos no colégio (SALES, 2017).

Além disto, a referida reportagem finaliza o conteúdo do texto com a afirmação do delegado responsável pelo caso, ao enfatizar que o próprio menino havia dito, na delegacia, que um dos colegas o importunava em demasia.

A leitura e a análise destes textos jornalísticos permitem concluir que o discurso moralizante edificado pela repressão, incidem apenas em uma faceta aparente e trivial do problema e não atingem o seu núcleo estrutural.

Em uma sociedade marcada pelo ideário neoliberal, que não combate o elitismo e os estereótipos de raça, classe e gênero, e que se pauta em princípios utilitaristas, de natureza desigual e excludente, considera-se uma falácia a retórica de que é preciso construir e defender um projeto de moralização social.

Na realidade atual é possível deparar-se com justificativas em profusão para a ocorrência do *bullying*, as quais ora procuram responsabilizar a família por não propiciar uma educação moral que assegure aos filhos a autonomia, o respeito mútuo e a equidade; ora por culpabilizar a escola e os educadores por priorizarem a dimensão do conteúdo, ao invés dos valores morais na educação escolar – como se fosse possível desvincular estes aspectos.

A leitura destas matérias jornalísticas evidencia a necessidade de considerar o termo *bullying* no contexto dos estudos que o materializam, uma vez que, conforme assegura Bakhtin (2014), a palavra é um signo ideológico, o qual permite a compreensão de determinadas visões de mundo instituídas no cotidiano do contexto histórico e cultural.

Estas ponderações revelam, com avultada nitidez, que a palavra *bullying* contém armadilhas sutis que não possuem outro desígnio senão o de produzir posturas conformistas diante da realidade que se impõe. Por conseguinte, dissimula-se o núcleo da problemática de algo que deveria ser considerado como violência – de modo a esconder a raiz dos aspectos que a constituem –, e perpetua-se a ideologia da classe dominante.

Ao pautar-se na Psicologia Histórico-Cultural, a qual está ancorada no referencial epistemológico do materialismo histórico e dialético, nota-se que o conceito de *bullying*, nas reportagens jornalísticas analisadas, deveria ser transladado para além de suas conceituações neoliberais, profusamente propaladas em distintos espaços de divulgação do conhecimento.

Se todos os fatos que sucedem na escola forem compreendidos como *bullying*, então, ocorrências ignóbeis que envolvem racismo, homofobia, misoginia, xenofobia e violação de direitos humanos, correm o risco de serem invisibilizados.

Portanto, depreende-se destas considerações que o fenômeno *bullying* não deve ser compreendido meramente como produto da relação imediata entre agressores e vítimas (FRANCISCO; COIMBRA, 2019), mas deve ser concebido em sua totalidade, diante da síntese de suas múltiplas determinações, como resultado das relações sociais impostas pelo Capital, chanceladas pela perseguição e intimidação dos indivíduos que não se adequam aos padrões culturais e aos modos de ser e de agir forjados e disseminados pelas classes que estão no poder, classes estas que estão a serviço da manutenção das relações do sistema de produção vigente.

Considerações finais

Este estudo se propôs a analisar a significação do termo *bullying* nos discursos disseminados em jornais digitais de grande impacto no Brasil sobre um fato ocorrido, em 2017, em uma escola da rede privada localizada na cidade de Goiânia, Goiás.

As análises do material de estudo revelaram que a concepção de *bullying*, sob o enfoque do ideário neoliberal, reverberam posicionamentos ideológicos que polemizam discursos e que ocultam tensões e contradições que estão nas raízes do fenômeno da violência e da construção de uma sociedade em que haja justiça social.

No que tange a este debate, a própria definição de *bullying*, ao fazer referência a um aspecto prioritariamente individual, atua no sentido de legitimar atitudes de adaptação e conformismo. Este enfoque pressupõe a urgência em desfeticizar a vida humana com base em uma análise ontológica concreta, problematizando as contradições marcantes da complexa e heterogênea totalidade social.

De acordo com Bakhtin (2014), como a palavra, signo pelo qual os indivíduos dialogam entre si, proporciona uma compreensão profunda acerca do processo histórico e ideológico de construção de significações, decorre desta assertiva a possibilidade de evidenciar, em situações de interação social, os distintos índices de valor que certas palavras recebem dos indivíduos, uma vez que há um jogo de interesses marcado pelas relações antagônicas das classes sociais. Destarte, são os conflitos e contradições ideológicas que atravessam o signo *bullying* que sustentam a construção de um discurso controverso sobre o fenômeno.

Em face disto, o coeficiente de relevância do aspecto mencionado não reside nas propriedades linguísticas do signo, tampouco em significados dados e isolados, descolados do acontecimento da palavra em um determinado contexto social. Em outros termos, o objeto primevo não é o signo linguístico, mas é o signo ideológico (BAKHTIN, 2014).

Em princípio, a natureza ideológica da palavra concerne a sua dimensão axiológica. Isso mostra que, na óptica bakhtiniana, ela é sempre tomada de valoração e propícia a expor um juízo crítico.

Desta forma, é premente salientar que o *bullying* nas escolas deve ser apreendido com base em uma análise visceral reveladora dos modos de organização e das forças objetivas e contraditórias da sociedade; estas forças, por sua vez, se materializam e marcam os indivíduos que se constituem como pessoa em determinado contexto histórico e cultural (VYGOTSKY, 1993).

Logo, compreender o fenômeno denominado *bullying* diligência uma análise epistemológica na interpretação dos dados, de modo a desvelar os paradoxos e questionar a significação dos fenômenos singulares que irrompem na cotidianidade dos indivíduos.

Assim, uma das premissas deste estudo, fundamentado na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural em Psicologia, referiu-se à elucidação dos nexos dinâmico-causais, no intuito de compreender o fenômeno referenciado em sua processualidade e totalidade, na busca pela síntese de suas múltiplas determinações.

A concepção de *bullying*, ao mesmo tempo em que evidencia, nos enunciados engendrados nas tramas dialógicas, a supressão das contradições econômicas, políticas, históricas e sociais, arquiteta um espaço favorável ao alicerçamento de modos de pensar incautos e pragmáticos que se aproximam da irreducibilidade do racionalismo cartesiano e da anuência de conhecimentos pseudocientíficos, os quais, por sua vez, preconizam uma “educação para a paz” ao invés de uma “educação para a emancipação”.

Por fim, seguindo as preleções de Freire (2019), se toda palavra é um ato de criação, uma manifestação humana socialmente construída, e se os opressores usam seu poder (incluindo a criação e o domínio da palavra) para oprimir, explorar e violentar os oprimidos, a superação desta relação de opressão ocorrerá somente se sua gênese transcorrer nos oprimidos, uma vez que estes são os únicos que compreendem, de fato, o significado e os impactos da opressão, assim como a iminência da libertação. Todavia, para se libertarem, não basta o reconhecimento de que são oprimidos ou de que experienciam relações de contradição com os opressores. É preambular que compreendam a inevitabilidade de lutar pela libertação e se rendam à *práxis* libertadora, a qual envolve consciência crítica e atuação diligente.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm#art8. Acesso em: 9 jul. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 8 jul. 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015 – *PeNSE 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2021.

COPLE, J.; QUEIROGA, L.; VIANA, G. Bullying teria sido a motivação de ataque em escola de Goiânia. *O Globo*, 21 de outubro de 2017, [n. p.]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bullying-teria-sido-motivacao-de-ataque-em-escola-de-goiania-21972498>. Acesso em: 11 jun. 2021.

CRAIG, W. *et al.* A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health*, Bethesda/MD, v. 54, n. 2, p. 216-224, 2009. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19623475>. Acesso em: 8 jul. 2021.

CUNHA, J.; WEBER, L. O *bullying* como desafio contemporâneo: vitimização entre pares nas escolas: uma breve introdução. In: PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação (Ed.). *Enfrentamento à violência na escola*. Curitiba: SEED, 2010. p. 172.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Versus, 2005.

FRANCISCO, M. V.; COIMBRA, R. M. *Bullying* escolar e os processos de resiliência em si sob a ótica da teoria histórico-cultural. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 21, n. 1, p. 145-163, 2019.

LISBOA, C.; BRAGA, L. L.; EBERT, G. O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo/RS, v. 2, n. 1, p. 59-71, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v2n1/v2n1a07.pdf>. Acesso: 12 dez. 2020.

MALTA, D. C. et. al. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde de Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 3065-3076, 2010.

MESQUITA, A. P. S. L. *Bullying* e contaminação do ambiente escolar pela violência. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 de outubro de 2017, [n. p.]. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/bullying-e-contaminacao-do-ambiente-escolar-pela-violencia/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC. MEC apoia enfrentamento ao bullying e violência nas escolas, *Portal MEC*, 6 de abril de 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/62581-mec-apoia-enfrentamento-ao-bullying-e-violencia-nas-escolas>. Acesso em: 07 jul. 2021.

MOURA, D. R. et. al. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, n. 87, v. 1, p. 19-23, 2011.

OLWEUS, D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge, MA: Blackwell, 1993.

OLWEUS, D. School bullying: development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, San Mateo/CA, n. 9, p. 751-780, 2013.

SALDAÑA, P. É hora de entender que o bullying está levando ao óbito, diz psicólogo. *Folha de São Paulo*, 21 de outubro de 2017, [n. p.]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1928956-e-hora-de-entender-que-o-bullying-esta-levando-ao-obito-diz-psicologo.shtml>. Acesso em: 31 jan. 2018.

SALES, Y. Estudante mata dois colegas a tiros e fere quatro em escola particular de Goiânia. *El País*, 21 de outubro de 2017, [n. p.]. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/20/politica/1508514051_919340.html. Acesso em: 03 jun. 2021.

SALMIVALLI, C.; VOETEN, M. Connections between attitudes, group norms, and behavior in bullying situations. *International Journal of Behavioral Development*, Newbury Park/CA, v. 28, n. 3, p. 246-258, 2004.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Até quando: *bullying* na escola que prega a inclusão. *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 449-464, 2010.

TORO, G. R. R.; NEVES, A. S.; REZENDE, P. C. M. *Bullying*, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 123-137, 2010.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *The collected works of L. S. Vygotsky*, vol. 2. New York: Plenum Press, 1993.

ZOEGA, M. T. S.; ROSIM, M. A. Violência nas escolas: o *bullying* como forma velada de violência. *Unar*, Araras, v. 3, n. 3, p. 13-19, 2009.

Sobre a autora

Sheila Daniela Medeiros dos Santos. Graduação em Pedagogia (FE/Unicamp), Mestre e Doutora em Educação (FE/Unicamp), Professora Associada (FE/UFG).
E-mail: sheiladmsantos@gmail.com.